

Teatro romano de Lisboa

A importância do estudo das argamassas

O Teatro Romano de Lisboa, construído, presumivelmente, no século I e reconstruído no ano 57 d. C., na vertente sul de uma das colinas da cidade, voltada ao rio Tejo, é um dos mais importantes monumentos deste período. Não só por ser o único teatro romano em Portugal com evidências arqueológicas, mas como um dos testemunhos mais significativos da cidade de Olisipo e consequentemente da história de Lisboa e do seu património cultural.

Foi descoberto em 1798 durante os trabalhos de reconstrução da cidade após o Terramoto de 1755 e permaneceu soterrado até meados do século XX, época em que se iniciaram as intervenções arqueológicas, com destaque para os trabalhos de Iri-salva Moita (1966/1967) que permitiram dar a conhecer uma área significativa do Teatro (cerca de dois terços da sua totalidade). Foi classificado como *Imóvel de Interesse Público* (1967) e está sob a tutela da Câmara Municipal de Lisboa, tendo sido integrado na orgânica da Divisão de Museus e Palácios, desde 1998.

Foi precisamente nesta data que desenvolvemos o projecto *Teatro Romano de Lisboa - Programa de Recuperação e Valorização* que visava uma intervenção global e integrada no monumento, definindo diversas áreas de actuação desde a valorização e reabilitação da envolvente, investigação histórica e arqueológica, conservação e restauro das ruínas à criação de um museu. Este projecto, em curso, está a ser implementado de forma faseada (aplicando o con-



ceito de *work in progress*), estando já aberto ao público, desde 2000, o Museu.

No âmbito deste programa foram solicitados, pela primeira vez, vários estudos geotécnicos, geológicos, micro climáticos e de argamassas.

O *Estudo Geológico das Argamassas do Teatro Romano da cidade de Lisboa*, elaborado por Rui Miguel Brito, incidiu sobre um conjunto de amostras de argamassas de cal recolhidas nas estruturas construtivas da área da *cavea*, *orchestra*, e *hyposcaenium*, e nos elementos arquitectónicos, nomeadamente colunas. Sem prejuízo dos objectivos do estudo, os locais de recolha escolhidos foram os de menor, ou nulo, impacto estético.

A argamassa de cal é o material

aglomerante mais corrente e um dos mais antigos a ser usado com diversas aplicações que vão desde a função de união de elementos pétreos à decoração.

Os ensaios realizados às amostras da argamassa de cal do Teatro permitiram ao geólogo Rui Brito fazer constatações diversas das quais destacamos, como exemplo, o seguinte: confirmou a atenção particular que os romanos davam à escolha de materiais para o fabrico das argamassas, em particular com as areias que não deviam possuir nenhuma terra, o que de facto não foi detectado nas amostras do Teatro; identificou as percentagens de componentes dos materiais das argamassas e a variabilidade das mesmas relacionada com os locais mais ou menos importantes da estrutura arquitectónica do edifício (diferenças entre os degraus da *cavea* e o pavimento em *opus signinum* do *hyposcaenium*), demonstrando-se, de facto, o domínio por parte dos romanos, das técnicas de construção; ou ainda, no campo da função decorativa percebeu-se que as argamassas das colunas têm componentes diferentes das argamassas com função de união de elementos arquitectónicos.

Procurou-se também perceber qual a origem das areias que entram na composição das argamassas, mas não foi possível fazê-lo com a exactidão pretendida, ficando-se no campo das hipóteses que nos remetem para os depósitos associados ao leito principal do rio Tejo e a todos os cursos de água da cidade, ou



MC-IMCA



MC-IMCA

sedimentos do Miocénico das formações areníticas do Tejo e região de Lisboa.

Os resultados foram particularmente importantes no campo da identificação de algumas patologias, apenas em situações pontuais, como a presença de colónias de fungos e algas que deterioraram as argamassas, não permitindo que estas conservassem a plenitude das suas notáveis propriedades. Não obstante, é possível afirmar que as argamassas do Teatro Romano de Lisboa se encontram em boas condições de conservação (para tal muito tem contribuído a cobertura colocada sobre as ruínas do monumento) e a desempenharem as suas funções.

Pretendemos com este trabalho, por um lado, conhecer melhor o edifício na época da sua fundação e eventuais momentos de reconstrução, e fazer, simultaneamente, um levantamento do seu estado de conservação, identificando as patologias associadas às argamassas, por outro.


No imediato foi possível intervir com acções de conservação preventiva e curativa (neste último caso pontualmente) e mediante as conclusões dos resultados das análises minerais e químicas desenvolver um plano com correctas metodologias de intervenção, a aplicar no

âmbito de uma alargada operação de Restauro (que culminará com trabalhos de reconstrução por anastilose).

Actualmente, com o alargamento da área escavada do monumento que colocou a descoberto o muro do *Postcaenium* (intervenção arqueológica da responsabilidade de Lídia Fernandes, técnica do Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade, CML) prevê-se dar continuidade ao estudo das argamassas, alargando o âmbito a outras análises químicas, associadas a estas novas estruturas do teatro e aos edifícios de épocas posteriores que se lhe sobrepuseram. Estudos como estes devem, hoje, ser considerados como ferramentas indispensáveis para a investigação histórica e no caso particular do Teatro Romano, para os estudos de história de arte e arqueologia, tendo como consequência directa o facilitar a identificação dos materiais, a sua origem, a sua durabilidade, perceber como eram aplicados, descartando eventuais metodologias de construção, identificar momentos construtivos distinguindo intervenções em épocas diferenciadas, corroborar cronologias.

Paralelamente, reforçando o que foi dito, o estudo geológico e químico de argamassas é indispensável para

planear trabalhos na área da conservação preventiva, restauro e reabilitação do Património.

É lugar comum falar na necessidade da Interdisciplinaridade na investigação, mas não é ainda uma prática corrente, o cruzamento destes estudos com recurso às ciências com trabalhos de história de arte e arqueologia que facilitem a interpretação dos conjuntos edificados. Mais frequente é a sua aplicação no domínio dos trabalhos de reabilitação e conservação do património, embora fosse desejável a definição de um conjunto de metodologias a aplicar. Consciente da importância da utilização destes estudos técnico científicos, o Museu da Cidade (Divisão de Museus e Palácios) que tem competências na área da arqueologia urbana, tem vindo a fazer recolhas e análises de argamassas de diversas estruturas arqueológicas, que se pretende seja feito de forma sistemática e recorrente, com o objectivo de constituir um Arquivo de Argamassas do património histórico e arqueológico de Lisboa. 

ANA CRISTINA LEITE,
Chefe de Divisão de Museus e Palácios,
Câmara Municipal de Lisboa